

LOCALISMO E GLOBALISMO NA ESPORTIVIZAÇÃO DO RODEIO

GIULIANO GOMES DE ASSIS PIMENTEL

Grupo de Pesquisas em Corpo, Cultura e Ludicidade,
Universidade Estadual de Maringá
E-mail: ggapimentel@uem.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é identificar os múltiplos elementos locais e globais imbricados no processo de codificação esportiva do rodeio no Brasil. No tocante ao trabalho de campo, na perspectiva etnográfica, utilizou-se a combinação das técnicas: observação participante, registros fotográficos e entrevista semi-estruturada (n = 13). À medida que uma cultura vai se modificando, certos movimentos são mantidos sob a forma de jogos, constituindo uma verdadeira memória corporal. As práticas de rodeio cristalizam, na forma de jogo esportivo, práticas corporais e representações sociais produzidas como técnicas de trabalho rural. Com o processo de contaminação entre elementos globais e locais, essa referência particular vai sendo esvaziada em meio à sua incorporação por representações mais genéricas e assimiláveis ao grande público. Intensificam-se, por exemplo, os deslocamentos de sentido quanto ao rodeio, incluindo a sua codificação esportiva. Não obstante o processo de esportivização do rodeio seguir uma lógica internacional, os praticantes locais (re)invertem o processo, ressignificando as práticas mundializadas a partir de categorias nativas.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; cultura local; cultural local.

INTRODUÇÃO

O rodeio é dessas práticas que revela a mútua fertilização entre o global e o local. Apesar de o Brasil possuir formas tradicionais (vaquejada, rodeio crioulo), é no rodeio internacionalizado que se firma seu perfil esportivo mais evidente. Este trabalho¹ teve como objetivo identificar os múltiplos elementos locais e globais imbricados no processo de codificação esportiva do rodeio, uma prática lúdica de domínio sobre animais rurais, cuja marca antropológica é a (re)memorização gestual do labor pecuário.

Com a intensificação de trocas entre campo/cidade e global/local, essa memória ritual (dos gestos comuns à interação com o gado e que se deslocam do universo do trabalho para serem incorporadas como lazer) acabou, em tese, recriada ao entrar em contato com outros estoques simbólicos sobre como é lembrada ou mesmo idealizada a realidade rural. Nesse sentido, percebe-se a desterritorialização de alguns aspectos do rodeio.

Por *desterritorialização* entenda-se a capacidade das culturas locais de deslocarem-se de seus territórios para serem distribuídas mundialmente, isto é, a *mundialização da cultura*. Nesse movimento, objetos são compartilhados em grande escala e transformados em produtos culturais conectados a outros elementos estéticos disponíveis (ORTIZ, 1994). Esse processo, ao mesmo tempo em que contribui para a sobrevivência dessas práticas, acelera sua fragmentação.

O rodeio revela bem essa ambigüidade. Sua origem evidencia-se no labor pecuário, dando vazão a momentos lúdicos de disputa entre peões. Desde o Brasil Colônia, com características particulares de cada região, os rodeios estiveram presentes nas cidades durante festividades e, mais tardiamente, em circos de tourada. Gradativamente, foram hibridados com formas mundializadas de rodeio a fim de manter o nível do espetáculo, este já inserido no braço recreativo do agronegócio: mostras agropecuárias e festas de peão.

Concomitante à maior espetacularização do rodeio, os anos 1990 intensificaram processos de regulamentação desse folgado num esporte formal. A partir da desterritorialização do rodeio-esporte, por meio da tecnologia e da profissionalização, não ocorre somente uma reestruturação das atividades laborais do campo,

¹. O presente artigo, ao buscar as mediações entre elementos autóctones e mundializados na formação hodierna do rodeio, avança reflexões já feitas sobre a influência midiática na esportivização dessa prática, os significados do rodeio tradicional para seus praticantes, a constituição do rodeio com festa turística, a sua lógica interna na relação com o espaço-tempo; respectivamente publicadas em Pimentel (1997, 1999, 2002, 2005).

como a montaria e o laço, em espetáculo esportivo, mas surgem, também, atividades miméticas, simulacros e jogos virtuais, oportunizando que a vivência de disputa com o animal fosse cada vez mais mediada (ALEM, 1996; COSTA, 2003; PIMENTEL, 1999, 2002; SERRA, 2005).

Esse percurso histórico compreende principalmente o rodeio-esporte, justamente aquele internacionalizado no Brasil com a experiência de Barretos-SP. Contrapõe-se a ele uma gama de experiências singulares, de ordem local. Como lembra Featherstone (1997), a intensificação do fluxo de conhecimentos, mercadorias e pessoas, conhecida como globalização, ao invés de homogeneizar a cultura, levou ao aumento da sensibilidade quanto às diferenças locais e sua amplitude.

Há, portanto, uma infinidade de rodeios regionais cuja articulação com o *mix global* revela um movimento pendular de resistência e assimilação. Para se evidenciar essa composição dinâmica entre local e global, foi selecionada uma vertente do rodeio conhecida como *tiro de laço*, cuja área de abrangência toma especialmente as regiões Sul, Centro-Oeste e um enclave no norte fluminense e no sul capixaba.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Internacionalmente, os estudos sobre o rodeio nos países anglo-saxões o tomam como um esporte adaptado pelos norte-americanos, no século XIX, após intercâmbios com mexicanos (SERRA, 2005). A partir de 1975, há uma pressão pela institucionalização do rodeio como esporte, evitando que a Humane Society of the United States (HSUS) obtivesse o embargo das competições. Não por menos as pesquisas nesse período enfocaram parâmetros biológicos a fim de identificar o estresse e os riscos que animais e *cowboys* estavam sujeitos. Nas décadas seguintes, os estudos em Medicina Esportiva firmaram-se como forte tendência internacional na produção de conhecimento sobre rodeio, especialmente devido ao *Prorodeo Sports Medicine*, um programa patrocinado pela Justin, uma fabricante de botas (FREDRIKSSON, 1993).

Entretanto, embora já fossem freqüentes os trabalhos históricos sobre o rodeio desde 1920, os anos 1980 evidenciaram o questionamento sociocultural desta prática na sua roupagem esportiva, trazendo instigantes reflexões sobre relações de gênero, impacto econômico e significado cultural. Nos anos de 1990, considerando o status do rodeio como esporte radical e lucrativo, periódicos de sociologia, psicologia e filosofia do esporte retomam a discussão do risco e da violência nas competições (LECOMPTE, 1993).

No Brasil o interesse da educação física por essa prática corporal dá-se tardiamente, na segunda metade da década de 1990, quando as ciências sociais e a

mídia já problematizavam a nova configuração – turística e esportiva – do rodeio desde os anos 1980. Anterior a esse período, com o rodeio mais entendido como folguedo tradicional, os folcloristas dedicavam-se ao registro das festas e competições, havendo claro predomínio das versões regionalistas, especialmente a vaquejada no Nordeste e o rodeio crioulo no Sul.

Considerando esse processo histórico, o estudo evitou qualquer julgamento de valor sobre as transformações, entendendo o rodeio-folclore e o rodeio-esporte como duas dimensões cambiantes e detentoras de parcelas desiguais das culturas mundializadas e nativa. Ainda, para compreender as mútuas interfertilizações entre local e global, a própria forma como o conhecimento produzido mereceu cuidado. Caso contrário, perder-se-ia o movimento que alimenta a tensão entre esses dois pólos. Mais do que medido, tal fenômeno necessitava ser interpretado.

Para tanto, o estudo veio da combinação de algumas técnicas de trabalho etnográfico. A utilização de estudos etnográficos na educação física permite, como defende Stigger (2002), investigar os pequenos acontecimentos esportivos como prática social inserida no estilo de vida do sujeito comum. A pesquisa etnográfica pressupõe uma forma de olhar e descrever em contato direto com as pessoas, visando a “interpretação de padrões culturais de um contexto específico” (STIGGER, 2002, p. 6); o que só pode ser possível caso o pesquisador obtenha as “representações que determinados indivíduos e grupos fazem de suas práticas. Estas representações – imagens mentais da realidade, carregadas de valores – estão incorporadas nos discursos e nas ações destes indivíduos e grupos...” (idem, *ibidem*).

Para chegar às representações sociais utilizou-se entrevista semi-estruturada com 13 laçadores entre capixabas e fluminenses, número no qual as falas começaram a se reiterar e mostrar coesão. Os sujeitos praticam uma forma particular de rodeio (laço), assumindo-o como opção de lazer e prática que os agrega e identifica. As questões estiveram voltadas para os significados dessa prática, a relação com o modo de vida de cada entrevistado(a), as técnicas e os cuidados corporais utilizados no jogo.

De forma complementar e anterior à coleta das falas, fez-se uso da observação direta e participante. Esse procedimento permitiu interação face a face entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Como a inserção em campo durou quatorze semanas, foi possível descrever aquela particularidade, por meio de anotação em caderno de campo e registro de imagens, atentando tanto para os fatos recorrentes quanto para os momentos julgados *desimportantes*. Dada a convivência, foi possível minorar a desconfiança dos laçadores, facilitando a espontaneidade nas entrevistas e em suas ações (durante a observação).

A utilização da observação e da descrição da cultura, no entanto, não se constituem em práticas de fácil condução. Conforme Abramo (1979, p. 78), trata-se de

lembrar que o “observador da realidade social é um ser social, e sua observação estará sempre condicionada pela sua localização espacial e temporal”. Isso significa uma vigilância ante os preconceitos do pesquisador concomitante à imersão no cotidiano dos sujeitos, vivendo a realidade deles. Esse rigor levou, indubitavelmente, a uma compreensão da particularidade ao invés de generalizações.

Como contraponto ao estudo naquela forma local de rodeio, foram feitas incursões ao pólo oposto, o rodeio mais globalizado. Adotou-se como amostragem as festas de peão em Barretos, Jaguariúna e Campinas, todas no estado de São Paulo. Os dados foram obtidos por meio de fotografia e observação direta. Para complementar o conhecimento sobre essa realidade recorreu-se a estudos feitos sobre o rodeio-esporte em diferentes regiões do país (ALEM, 1996; COSTA, 2003; SERRA, 2005).

A PERMEABILIDADE ENTRE LOCAL E GLOBAL

Na realidade investigada, o tiro de laço consiste em usar o cavalo e uma corda de couro para perseguir e laçar um bezerro por uma pista de 100 metros de distância. Esse jogo esportivizado ocorre dentro das festas do laço, eventos nos quais obrigatoriamente há barraca de bebidas, churrasco e baile. O laço ocorre fora das políticas públicas para o setor esportivo e das características do esporte institucionalizado (racionalização, burocracia federativa, recordes, profissionalização de atletas e secularismo). Para seus participantes, acaba por ser:

uma brincadeira que a gente começou, né? Porque toda vida a gente praticou esse esporte lá no campo, na roça. Todo mundo fazia isso normalmente, naturalmente. Não tinha nada, mas inventaram a brincadeira. Passou a concurso de laço, passou a isso tudo. O laço lá no campo é um laço comum, um laço de trabalho. Já lá na pista é um laço de concurso onde tem que obedecer aquelas balizas todas. Tem que obedecer aos pontos (Walter).

Em complemento, a formação dos participantes para esse jogo ocorre fora da escola ou dos clubes. Os campeiros costumavam utilizar o laço em suas atividades diárias. Quando da sua vinda regulamentada para a pista, o laço já existia *a priori*. Logo, é a vida campeira a primeira escola do laço. O laço vai-se naturalizando na vida dessas pessoas de forma que parece, realmente, que “está no sangue: comecei com a idade de 12 anos. Mexia com boi, depois dos 12 anos comecei a laçar. É a coisa que eu mais gosto. Meu esporte é ver uma bola e laçar” (Machim).

Por isso, mesmo aqueles que não labutam mais nas atividades rurais podem recompor sua história a partir do tiro de laço. O laço evoca a vida rural, de forma que confere verossimilhança à revivescência:

Aprendi em criança. Laço desde criança. Mas aí até os 20 anos eu montei muito a cavalo, licei muito. Nunca participei em pista de laço, mas laçava em curral, pasto e sempre soube laçar. E fiquei muitos anos afastado. Fiquei 26 anos sem montar a cavalo. Vim montar agora. Apesar de que sempre tive cavalo (Escodine).

Esse laçador não impedido de possuir cavalo somente voltou a montá-lo quando pôde (re)significar as ações de equitar e laçar (“gostei outra vez do trem”), perdidas no tempo da infância e do labor rural. Muitos laçadores experientes entendem, inclusive, que a pessoa para ser boa laçadora deve antes ser experimentada pelo trabalho no campo, onde as técnicas corporais essenciais ao escopo de ações motrizes básicas do laço se internalizam e constituem um acervo motor. A fala abaixo exemplifica bem essa representação local:

o cara tem que ser... sei lá. Ele tem que ter um costume na lida da fazenda. Tem que ter alguns costumes. Se não tiver o costume de lidar lá com o gado no campo é impossível de ser um laçador. Cidadão que chegou da cidade, nunca equitou um cavalo, nunca trabalhou com gado no campo, chegar lá e falar que vai laçar é impossível de ele conseguir. Não é isso? (Nivaldo).

Interessante notar que o trabalho, para eles, é o lócus onde se dominam os gestos necessários ao lazer. “É como se a gente ficasse treinando pra competir”, afirma Walter. No grupo, a diferença entre laçar como trabalho e laçar na competição é a emoção. “É quando dá emoção”, ou seja, uma intensidade dos fluxos energéticos sentidos ora como limitadores da ação motriz ora enquanto estímulos particulares à prática.

A emoção é linda. Na hora que o narrador grita: “Pista liberada”; rapaz... o trem é brabo. O laço não abre, o cavalo não corre, a cabeça do boi diminui. O trem é feio. E a adrenalina sobe, mas sobe mesmo. E quando você consegue, acerta um laço, um laço bonito, aquilo até marca (Escodine).

Parlebas (1996) acredita que o esporte “mergulha o praticante na emoção de uma aventura corporal exaltada. Esta paixão não é sem perigo, mas é também uma oportunidade”. Oportunidade, como adjunta o autor, de educar ao modo do *ethos* próprio de determinada sociedade, uma vez que o esporte não possui nenhuma moral específica dada *a priori*. É a sociedade, nesse caso o grupo, que lhe confere um valor.

A prática do laço permite aos seus praticantes a perpetuação de uma memória corporal, marcada inicialmente pelo clima excitante de deflagração da ação corporal e, no fim, tornada depositária de uma visão de mundo particular (local). Diante dessa complexidade, será possível tornar tais práticas em um *esporte*, na sua

hibridação com traços mundializados, visto que o tiro de laço traduz uma dada experiência concreta?

A tendência dessas práticas locais de rodeio é que permaneçam delimitadas ao universo rural. Até os materiais usados no jogo são adquiridos em lojas agropecuárias; além do ingresso nesse círculo exigir geralmente a posse de um cavalo, ser apresentado por algum laçador conhecido e, principalmente, já possuir prática. Embora envolva risco, não há uso de qualquer equipamento de segurança, sendo a experiência em montar e laçar essenciais para diminuir a probabilidade de acidentes.

Esse fechamento, entretanto, não impede a permeabilidade entre as práticas locais e globais. Apesar da ausência do sujeito urbano no jogo, o evento acaba sendo presenciado e consumido pelos cidadãos, fato exacerbado em relação às festas de peão e o rodeio-esporte. Também se percebe, por conta dos intercâmbios, a presença esporádica de vaquejadas, cavalhadas, tiro de laço, montaria em burros e argolinhas nas festas mundializadas e, em compensação, de rodeio esportivo e outras práticas em renovação nos nichos localistas.

Na realidade estudada, em algumas festas, já são feitas apresentações de uma ou mais provas do rodeio esportivizado, que é aquele encontrado nas festas de peão, particularmente regidas pelas regras norte-americanas adaptadas no Brasil pela Federação Nacional do Rodeio Completo. Esse esporte compreenderia as seguintes provas: laço em dupla, laço em bezerro, *bull-dogging*, três tambores, montaria em touro e montaria em cavalo. Dessas, a montaria em touro é a mais conhecida, justamente por permitir um espetáculo que prende a atenção da plateia, ávida por observar o desfecho imprevisível de cada queda sofrida pelo peão.

Embora “importadas”, a maioria dessas modalidades não gera suspeição porque – de alguma forma – são oriundas de elementos comuns à lide campeira. Todavia, há um senso ético-estético que põe o praticante local apenas como um observador curioso, longe da sedução em vivenciar diretamente essas atividades. Os laçadores preferem fruir os desempenhos dos peões à sua desgraça, mas não deixam de considerar o rodeio por demais perigoso para ser praticado por eles. Eles consideram o laço a prática mais perfeita por, justamente, envolver menor risco à sua integridade física. Tendo o corpo artífice de sua sobrevivência, não se deseja um lazer mais perigoso que o trabalho. Embora o rodeio apareça na região, atraindo muitas pessoas, os entrevistados acreditam que a diversão está em assistir às “laçadas bonitas” ao invés de “acidentes feios”.

Mas isso eu acho que não vai muito à frente. Ontem mesmo já houve um desastre lá: o boi pisou na canela e quebrou a perna do peão. Isso é muito perigoso. Porque o sujeito cai

e o boi pisa em cima. Lá em Barretos eu já vi uma vez na televisão que um caiu e o boi pisou com os dois pés na cabeça dele. Matou na hora. Mas eu estou achando que esse negócio não vai à frente porque as pessoas fazem a festa pra se divertir. Ninguém está pensando em machucar (Walter).

Como acrescenta Uires, “em respeito de montaria e outras provas, eu até conheço. Por sorte do nosso entrevistador, eu já fui à Festa do Peão de Barretos por quatro anos. Gostei muito. Porém, eu acho o laço mais dócil. Eu acho o laço do boi mais perfeito”. Por essas leituras comparativas, percebe-se um senso estético da prática articulando-se a uma repulsão aos acidentes (não aos riscos) envolvendo tanto homem quanto animais. Nesse sentido, se um dos elementos mundializados do rodeio-esporte, que contribuiu para sua espetacularização, é a violência, os laçadores por lazer têm a opção de definir o que lhes convém, em contraposição ao peão profissional que busca nas provas mais perigosas as maiores vantagens econômicas e o prestígio com o público.

Entretanto, a evidência maior da permeabilidade entre local e global no rodeio reporta-se ao processo de renovação conservadora da ruralidade. Fugindo do estigma do atraso, o modo de vida rural assimilou elementos do universo *country* globalmente reconhecidos, além de captar outros elementos desterritorializados. Com isso, as festas rurais tradicionais (exposições e festas de peão) passaram a ostentar uma estética análoga à urbana, chegando mesmo a se delinear um *novo rural* (Alem, 1996).

Com o sucesso desse modelo nacional, as festas de laço viram-se infiltradas por componentes do “estilo de vida *country*” (música, vestuário, esporte, alimentação). Esse novo rural, por não ser totalmente estranho ao público das festas tradicionais, acabou por criar um repertório comum de consumo cultural capaz, inclusive, de atrair outros grupos e aumentar a lucratividade dos promotores dos eventos. Com isso, as festas tornaram-se uma mescla de possibilidades de rodeio que, conforme o público, são melhores para praticar ou somente para assistir.

Todo processo de conciliação entre local e global, como adverte Featherstone (1997), encontra suas contradições e resistências. Com a perspectiva de tornarem-se empreendimentos lucrativos, muitos organizadores de festas realizaram mudanças que, na realidade pesquisada, conflitaram com parcela dos laçadores. Uma das mais comentadas entre os entrevistados foi a cobrança de inscrições para a competição e a entrega de prêmios com valor financeiro (bezerros e televisões, por exemplo). Como cada competidor pode se inscrever mais de uma vez, pessoas com maior disponibilidade monetária teriam mais chances de vencer a competição. Além dessa desigualdade, alguns laçadores começaram a considerar na conquista dos prêmios uma forma de acumulação de bens e recursos. Logicamente, mais que

uma influência externa, essas transformações refletem a própria configuração desses sujeitos dentro da sociedade contemporânea.

A MODERNIZAÇÃO ESPORTIVA DO RODEIO

Um deslize comum ao se analisar as mudanças introduzidas numa manifestação arcaica em comparação a um leiaute modernizado é acreditar que invariavelmente o primeiro venha acabar descaracterizado pela força do segundo ou simplesmente extinguido. Nesse processo, identificam-se, por exemplo, práticas ditas autênticas como a peteca e a capoeira, as quais tiveram de adaptar-se à linguagem desportiva para sobreviverem. Entretanto, evidencia-se nessas e em outras atividades um processo de afirmação das particularidades e preservação das suas matrizes essenciais, usando para isso até mesmo as formas de comunicação globalizadas.

As observações no estudo empírico apontam para mediações escapando a interpretações não-dialéticas, as quais colocam a relação entre as culturas rústicas e a cultura *globalizada* nos extremos do conformismo ou da resistência. A relação entre local e global, igualmente, não pode ser encarada somente pelo ponto de vista da dominação.

Ortiz (1994, p. 181) nota uma interligação entre essas duas esferas e faz uma leitura diferenciada da sociedade de massa, sugerindo abandonarmos a noção de homogeneização e pensarmos em termos de nivelamento cultural. “Ela nos permite apreender o processo de convergência dos hábitos culturais, mas preservando as diferenças entre os diversos níveis de vida”, explica o autor. Afinal, a padronização encontra-se mais presente em certos segmentos sociais. Por este pensamento não dualista, “padronização e diferença são faces de um mesmo fenômeno” (ORTIZ, 1994, p. 181).

Como acrescenta Featherstone (1997), o processo de globalização das práticas culturais desencadeou a reação das culturas locais. O autor vai entender o “localismo” como uma resposta contemporânea à globalização. Essas práticas locais de rodeio, portanto, forçam a hibridação cultural de mão dupla: cedem espaço a elementos desterritorializados dos rodeios e, ao mesmo tempo, os incorporam com a lógica local numa espécie de antropofagia.

Tal hibridação pode ser vista também nas festas de peão, aquelas nas quais ocorre o esporte-rodeio completo. Em Barretos-SP, desde 1993, houve uma deliberada integração global não somente das provas, mas também dos atletas. Com o Brasil comportando uma das etapas do rodeio internacional, com matriz nos Estados Unidos, ampliou-se o fluxo de atletas e turistas canadenses, norte-americanos, neozelandeses e australianos nos rodeios do país. Em contrapartida, peões brasilei-

ros começaram a internacionalizar-se, a exemplo do peão Adriano Moraes, campeão e recordista na montaria em touros norte-americanos de 1994 (SERRA, 2005).

Prosseguindo com as idéias de Featherstone (1997), este explica que, na modernidade ocidental, tendo como paradigma a “americanização do mundo”, se acreditava numa força universal, o progresso, capaz de integrar as demais nações a um modelo. Paradoxalmente, a globalização reforçou o senso de que existem diferentes versões para a história e que as culturas são particulares.

Featherstone (1997) prossegue afirmando que o global nos deu uma idéia limitada e finita de nosso mundo. Já a cultura local é a vida cotidiana na qual os indivíduos têm domínio. Sendo o espaço cultural local muito relacional, a globalização seria uma expressão vazia se não entendêssemos como as culturas locais realizaram a tradução desses traços mundializados. Portanto, não se acredita numa uniformidade cultural eventualmente produzida pelo processo de globalização.

Partilharmos de uma cultura global, pensa o autor, torna-nos conscientes da diferença cultural. Nesse sentido, não se verificaria o “empilhamento de culturas” por uma cultura hegemônica. Como os fluxos de intercâmbio se intensificam, o “outro” não está mais longe e pode comunicar-se conosco. Logicamente, salienta Featherstone (1997), há dificuldades nessa interação porque os estoques de conhecimento são diferentes.

Ortiz (1994) também considera que a tese da *americanização do mundo* reduz a cultura a seus produtos. Tampouco ocorre uma imitação de um modelo imposto, pois toda integração nacional a um modo *mundializado* passa por filtros locais. Isso não significa ignorar as perdas de certos símbolos e práticas regionais, mas passa pela consideração da cultura como dinâmica e das pessoas como capazes de enredar outros usos daqueles pretendidos pela indústria cultural.

O rodeio completo no Brasil, por exemplo, não conseguiu eliminar, mas, pelo contrário, reforçou alguns elementos arcaicos com o processo de transformação do rodeio em esporte. Primeiro a esportivização foi subordinada à dimensão lúdica do rodeio como espetáculo, que é uma herança dos circos de tourada. Figuras como o narrador e o palhaço, embora modernizadas, não perderam centralidade no *show*. São eles, e não os árbitros, que se destacam na direção das provas. É como se no futebol gandalas e locutores assumissem a visibilidade e a importância dos árbitros no campo de jogo.

Outra dimensão, já incorporada por outros esportes de massa, foi o papel da platéia na composição do espetáculo: fazem coreografias, cantam e até mesmo fazem o papel de polícia na resolução das brigas dentro da arquibancada. Por fim, há diferenças nos tipos de provas de rodeio no Brasil, com inclusão de modalidades nacionais. O estilo cutiano de montarias em cavalo, uma vertente paulista, é uma prova oficial do rodeio completo.

Para finalizar, é curioso que a objetivação do rodeio em esporte decorra em parte como consequência do rodeio espetáculo-mundializado. Enquanto essa manifestação vigorou como uma tradição folclórica com nuances locais, seu público era – como no tiro de laço – reduzido e não chamava atenção das entidades de direitos animais, da fiscalização governamental e da opinião pública.

Com o crescimento da atividade, Costa (2003) lembra que o movimento de oficialização do rodeio em esporte não veio de forma gratuita, mas serviu a variados interesses, entre eles: a) diminuir o embargo das festas de rodeio como crime ambiental (lei n. 9.603/98 sobre maus-tratos a animais); b) diminuir a rejeição ao rodeio no imaginário coletivo, aderindo a ele o rótulo de esporte; e c) ampliar as oportunidades de subsídios, patrocínios e nichos de aparição na mídia.

Pensado de forma dialética, o movimento de protesto contra a prática do rodeio, embora tenha sido o empecilho mais evidente à regulamentação esportiva do rodeio, em contrapartida, foi um dos motivos para que os promotores das festas de peão se empenhassem no seu reconhecimento legal dentro do *campo esportivo*. Esse processo coincide com a realidade norte-americana nos anos de 1970, quando a HSUS liderou campanha para a eliminação de todos os acidentes e desconfortos causados pelo rodeio aos animais e às pessoas.

A principal conquista do movimento pró-rodeio talvez nem tenha sido tanto a lei n. 10.220/02 que regulamentou a profissão do peão de rodeio, a qual contribuiu significativamente para a definição dos direitos trabalhistas do atleta. No uso amplo da espetacularização e da combinação de elementos culturais desterritorializados, os promotores do rodeio (zona de intersecção mesclando elementos originários de diferentes experiências como festa, jogo e folclore) acabaram por contribuir à ressignificação do próprio esporte como categoria. Essa hipótese, porém, necessita ser aprofundada empírica e conceitualmente, bem como muitas outras questões inquietantes, a exemplo do risco presente nessas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência da globalização no processo de esportivização do rodeio é multifacetada. Pode-se afirmar que o intercâmbio cultural proporcionado pelo agronegócio exportador informou os ruralistas sobre a articulação *agrobusiness* com o *show business* do rodeio, despertando interesses tanto de capitalização quanto de revigoração do *status*. A combinação de elementos estéticos entre rodeios local e global facilitou sobremaneira a aceitação do rodeio como espetáculo e esporte consumíveis em amplo espectro.

É caso incomum, entretanto, que uma prática corporal (o rodeio) tenha sido regulamentada em esporte, tanto na experiência local quanto mundial, como um recurso para impedir as ações da sociedade civil organizada e do Estado na proteção dos animais. Não obstante essa transformação artificial, se comparada à lógica interna pela qual os jogos tradicionais tendem a se esportivizar, o rodeio atrai e emociona. Não tanto por particularidades no esporte (recordes, performances, códigos universais), mas predominantemente por ingredientes factíveis na lógica local, manifestos nas formas de espetáculo circense e de ritual de (re)ligação com o imaginário rural.

Uma outra questão refere-se à capacidade da tensão das práticas locais ante as internacionalizadas, uma vez que, como lembra Featherstone (1997), elas implicam relações desiguais de poder. Os ditos esportes de formação nacional deveriam ser pensados nas políticas públicas com o *status* de patrimônio cultural, embora se deva evitar o protecionismo que sufoca a lógica de retroalimentação na qual essas práticas se atualizam.

Para finalizar, uma reflexão epistemológica importante no estudo do processo de esportivização das práticas locais refere-se à necessidade de fazer uso do fluxo de intercâmbios científicos típicos da globalização para estabelecer comparações entre as realidades. Cada contexto possui sua idiosincrasia, mas, em contrapartida, é graças a essas particularidades – em como a cultura responde de formas diferentes a um mesmo problema – que se torna instigante e necessária a troca de informações entre pesquisadores. Um aprendizado significativo, no caso do rodeio, foi entender como pesquisadores em vários continentes observaram a sua construção social em esporte e quais foram as variadas técnicas de investigação adotadas para se chegar a uma compreensão tangível desse fenômeno.

Local and global meanings of the “sportization” of Brazilian rodeos

ABSTRACT: The present paper attempts to identify the interaction of multiple local and global elements in the process of the codification of Brazilian Rodeos as sport. Our field work, based on ethnographic perspectives, employed a combination of techniques such as participant observation, photographic data and semi-structured interviews (n= 13) The study shows that, as culture undergoes processes of change, certain types of bodily movement or activity are preserved in the form of games and become a veritable memorial of the body. Rodeo practices preserve – in the form of competitive game – bodily practices and social representations that are linked to rural work techniques. With the intensifying

(continua)

intertwining of local and global elements, this particular vernacular reference becomes increasingly pale, giving way to more generic representations that are more easily incorporated and assimilated by the public that watch rodeo competitions. For example, dislocations of the meaning of the rodeo are intensified as it is increasingly codified as sport. Nonetheless, although rodeo undergoes a sportization process and thus must embrace international rules, local contestants do not cease to turn this process inside out, applying new local meanings to globalized rodeo practices.

KEY-WORDS: Sport; Local culture; Global culture.

Elementos locais y globales en los rodeos codificados como deporte

RESUMEN: El objetivo de este artículo es identificar los múltiples elementos locales y globales involucrados en el proceso de codificación deportiva del rodeo en Brasil. En lo que se refiere a la labor de campo en la perspectiva etnográfica, fue utilizada una combinación de técnicas tales como observación participante, registros fotográficos y encuesta semiestructurada a una muestra de 13 personas. El estudio revela que, a la medida que una cultura se transforma, ciertos movimientos son mantenidos bajo la forma de juegos deportivos, constituyendo una verdadera memoria corporal. Las prácticas de rodeo cristalizan, en forma de juego de competición, prácticas corporales y representaciones sociales producidas como técnicas de trabajo rural. Con el proceso de entrelace entre elementos locales y globales, esa referencia particular va vaciándose en medio a su incorporación por representaciones más genéricas y asimilables por el público en general. Los cambios de sentido con relación al rodeo, por ejemplo, son acentuados, así como su codificación deportiva. A pesar de que el proceso de conversión del rodeo en deporte sigue una lógica internacional, los practicantes locales reinvierten el proceso, transformando las prácticas mundializadas a partir de categorías nativas.

PALABRAS CLAVES: Deporte; cultura local; cultura global.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. Pesquisa em ciências sociais. In: HIRANO, S. (Org.). *Pesquisa social* projeto e planejamento. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p. 21-88.

ALEM, J. M. *Caipira e country: a nova ruralidade brasileira*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Sociais, Universidade de São Paulo, 1996.

COSTA, S. P. Esporte e paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil. *Movimento*, v. 9, n. 2, p. 71-88, maio/ago. 2003.

FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: SESC/Nobel, 1997.

FREDRIKSSON, K.. *American rodeo: from Buffalo Bill to big business*. Texas: University Press, 1993.

LECOMPTE, M. L. *Cowgirls of the rodeo: pioneer professional athletes*. Illionios: University of Illionios Press; Urbana and Chicago, 1993.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARLEBÁS, P. O significado do esporte na sociedade contemporânea. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ESPORTE PARA TODOS, 1., 1996, Santos-SP. *Anais...* Santos-SP: Sesc, 1996.

PIMENTEL, G. G. de A. Dimensões culturais do movimento humano no rodeio. *The FIEP Bulletin*, v. 75, p. 367-370, 2005.

_____. É de laço e de pó: o rodeio como festa rural. In: ROSA, M. C. (Org.). *Festa, lazer e cultura*. Campinas: Papyrus, 2002. p. 75-104

_____. *Ações motrizes e representações sociais no jogo do laço no Vale do Itabapoana*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. A mídia na construção social do rodeio esporte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10., Goiânia-GO. *Anais...* v. 1, p. 544-551, 1997.

SERRA, R. Rodeio. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 43-44.

STIGGER, M. P. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.

Recebido: 29 abr. 2006

Aprovado: 30 jan. 2006

Endereço para correspondência
Rua Marciano Halchuck, 356-14-A – Vila Bosque
Maringá-PR
CEP 87005-080